RESENHAS

MOUNIN, Georges. POÉSIE ET SOCIÉTÉ; Paris, PUF, 1968

Maria Helena Camargo Régis *

Este livro, publicado em 1968, e que só agora tivemos ocasião de ler, trata de problemas da poesia que ainda são atuais.

O autor se pergunta a que ou a quem atribuir a responsabilidade da crise da poesia.

Examina a responsabilidade da escola (que pode matar a poesia pelo excesso de análise); a dos críticos (que raramente se ocupam de poesia); a dos editores (que se negam a publicá-la); a dos poetas (muitas vezes herméticos); a da política (que pode reduzir o número de leitores pelo engajamento); a dos meios de comunicação (freqüentemente cultivadores do mau gosto).

Mas é na separação entre a poesia oral (iletrada) e a poesia escrita (cult) que o autor encontra a explicação para a conjuntura difícil por que passa a poesia.

Historicamente, o nascimento da poesia francesa se liga à liturgia da Igreja. A participação do povo todo nos cânticos acabou por transformar a poesia latina em poesia francesa. O Acento quantitativo do latim (longas e breves) passou, na boca do povo, a acento tônico (acentuadas e não acentuadas). Houve, também, a transferência dos acentos tônicos do latim para a última sílaba. Assim, surgiu a poesia francesa com as características prosódicas que tem até hoje.

Com o desenvolvimento da música, cantores profissionais passaram a desempenhar a parte que antes cabia ao povo.

De outro lado parte, o progresso da escrita, (a partir do Século XII), e posteriormente a invenção da imprensa completaram a separação entre o povo iletrado (poesia cantada) e as pessoas cultas (poesia escrita).

Pouco a pouco, a poesia triunfa sobre a canção popular e o folclore.

Essa separação, operada em tempos longínquos, continua hoje, e é ela a causa primordial da crise da poesia.

E os meios de comunicação, com seu grande poder de difusão oral, não poderiam tornar-se o canal que faltava à poesia?

Sob certo aspecto, sim; isto é, enquanto meios capazes de fornecer emoções que substituem a emoção poética ou a ela se misturam.

Admitindo-se que uma das finalidades da arte é conservar, reproduzir e fornecer aos homens, emoções que a vida não produz, nem em abundância, nem à vontade, conclui-se que os nossos meios de comunicação têm a capacidade de transmitir maciça e instantaneamente essas emoções.

Os "mass media" fornecem à população prazer poético. Nas histórias em quadrinhos, nas revistas femininas (moda, trabalhos manuais, jardinagem, decoração). Nos digestos do sensacional e do sentimental. No cinema e na televisão, nos estádios, autódromos e espetáculos com animadores.

E com uma vantagem: a de produzirem e criarem com maior violência quantitativa e poder de choque, as emoções propiciadas pela obra de arte, muitas vezes.

Não seria, então, a poesia que está à morte. O homem continua a fazer poesia e a sentir que precisa de poesia.

O que se encontra numa conjuntura difícil é certa espécie de poesia, a que aparece sob forma de transmissão muito intelectualizada, cujo veículo é a linguagem escrita, consumida por leitura individual.

Todavia, mesmo essa continuará a existir, porque está ligada à natureza das coisas da linguagem. Não só superficialmente, porque a linguagem tem propriedades acústicas e fonéticas que lhe permitem mimetizar qualquer música. Mas porque a linguagem humana exerce, entre outras, a função de incorporar à comunicação lingüística, elementos reveladores da coloração emo-

cional dos estados de alma, e os procedimentos estilísticos próprios para transmitir e fixar estas nuances.

Pensar em morte de poesia, então, seria imaginar a morte de toda linguagem articulada.

* Mestre em Letras — USP
Livre-Docente — UFSC
Prof.^a Titular da UFSC